



BRASIL Candidato à titularidade, Dani Alves luta contra sua maior crise de popularidade na Seleção

Muito além da lateral

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Fabrice Coffrini/AFP



Dani Alves foi o nome mais questionado na lista de 26 jogadores convocados. Agora, vê destino lhe dar a titularidade após lesão de Danilo

Um bolsonarista inscrito na Copa do Mundo com a camisa 13 é a síntese irônica de um Brasil dividido na política e no futebol. Candidato a substituto de Danilo, amanhã, contra a Suíça, no Estádio 974, pela segunda rodada do Grupo G, Daniel Alves vive a pior crise de popularidade da carreira com a camisa da Seleção. Está entre os 26 eleitos de Tite graças ao cabo eleitoral César Sampaio. O auxiliar técnico de Tite foi um dos responsáveis por monitorá-lo e bancar o voto de confiança no vitorioso jogador de 39 anos e 42 títulos profissionais na carreira — 43 com a taça do Mundial Sub-20 conquistado em 2003.

Tite só não esperava recorrer tão cedo à prova de títulos para tomar uma decisão importante na Copa do Mundo. O treinador está entre um lateral especialista com duas participações no torneio em 2010 e 2014 e um zagueiro estreante acostumado a fazer esse papel desde os tempos de São Paulo, Porto e Real Madrid.

Um detalhe joga contra Daniel Alves. Na última quinta-feira, ele completou dois meses sem disputar um jogo oficial. O último foi diante do Puebla, em 24 de setembro, no Torneio Abertura da Liga MX, Tite comprou a briga para ter o jogador no elenco, mas colocá-lo em campo sem ritmo, apenas com o período de treinamentos no Barcelona B e na curtíssima preparação da Seleção contra uma Suíça com jogadores na metade da temporada pode ser decisivo para a opção por Éder Militão. O volante Casemiro preferiu não dar pistas depois do treino secreto de ontem no Grand Hamad Stadium, o Centro de Treinamento do Brasil na capital do Catar.

“Se o Daniel Alves está aqui, tem totais condições, e nós confiamos

“Se o Daniel Alves está aqui, tem totais condições, e nós confiamos nele. Está treinando bem, está empenhado, mas quem vai jogar é decisão do treinador”

Casemiro, meio-campista

nele. Não precisamos nem falar do Daniel Alves, multicampeão, nós confiamos nele. Está treinando bem, está empenhado, mas quem vai jogar é decisão do treinador”, disse na entrevista coletiva de ontem, sem descartar a possibilidade de Éder Militão ganhar a disputa. “O Militão já respondeu em jogos e dá para contar com ele ali também”, elogia o cão de guarda de Tite.

Questionado sobre o que muda na dinâmica do time com Daniel Alves ou Militão, Casemiro comparou: “A característica dele é diferente do Militão. O Militão é defensivo, o Daniel Alves é mais qualidade, tem um pé diferente, cada um com a sua característica”.

Ala ideológica

Assumidamente de direita, Daniel Alves ganhou a antipatia da metade petista em um país rachado. A crítica a convocação dele vai além da idade e do vínculo a um clube de futebol periférico como é o Pumas. O apoio ao candidato à presidência Jair Bolsonaro o colocou no mesmo lado do amigo Neymar e gerou antipatia. A ponto de Casemiro intervir em defesa dos companheiros monitorados dentro e fora das redes sociais. Ele detonou, por exemplo, quem festejou a lesão de Neymar.

“Infelizmente, na vida temos isso, pessoas más no mundo, que desejam o mal do outro.

Não vou comentar muito desse tema. Ficamos tristes, né. Não quero falar de brasileiro, europeu, qualquer cultura, estou falando de pessoas, educação, que vem de berço”, desabafou.

Defendeu também o posicionamento do atacante Raphinha. O ponta foi às redes sociais criticar quem debochava da lesão de Neymar depois da vitória contra a Sérvia. “Quando você deseja o mal para uma pessoa, independentemente de quem seja, é muito grave. Eu fico muito triste, principalmente por ser uma pessoa que ajuda tanta gente, que tem um coração enorme. O Neymar não merece isso”, pontuou.

Suíços com confiança elevada

A vitória da Suíça na estreia da Copa do Mundo contra Camarões não teve o futebol mais envolvente. O time europeu sofreu bastante para impor ritmo contra os africanos, mas os três pontos conquistados elevaram a confiança para uma provável classificação com o segundo lugar do grupo. E não só isso, também aumentou o ânimo dos torcedores para a partida contra a Seleção Brasileira.

Marcel Rohner, de 53 anos, da cidade de St.Gallen, vai assistir a todos os jogos da Suíça na primeira fase. Ele classificou o confronto contra os brasileiros como o mais complicado. Mesmo assim, nada de jogar a toalha antes da hora da partida.

“O jogo contra o Brasil será

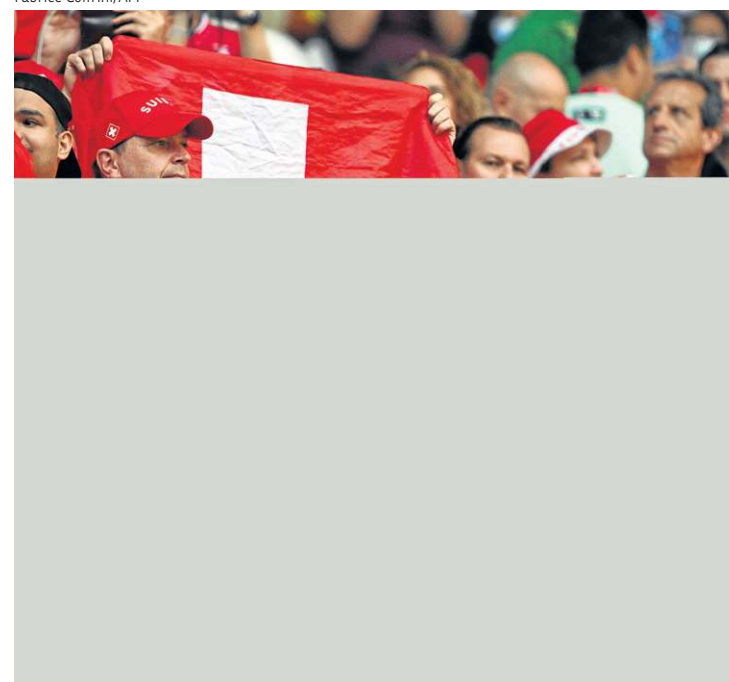
difícil, mas não temos medo, hein! Temos uma equipe muito boa”, garantiu o torcedor, enrolado em uma bandeira de seu país. “Os brasileiros têm valores individuais incríveis. O futebol está no sangue dos jogadores e a torcida é louca, apaixonada”, elogiou. Rohner se mostrou satisfeito com a vitória suada contra Camarões e atribuiu a dificuldade ao nervosismo, natural na estreia. “Ganhamos três pontos. Isso é o mais importante. Estou muito contente.”

Outro suíço, Christian Dousse, de 61 anos, é um consultor de recursos humanos apaixonado por futebol e já esteve com amigos nas Copas de 2006, na Alemanha, 2014, no Brasil,

e 2018, na Rússia — quando a equipe teve outro encontro com a Seleção tupiniquim —, além de várias edições da Eurocopa. Ele também está confiante, mesmo após a tímida vitória sobre os camaroneses.

“Nosso grupo é muito difícil. Camarões tem uma boa equipe. Mas, felizmente, temos o goleiro Yann Sommer que fez grandes defesas e nosso time melhorou no segundo tempo”, explicou ele. Segundo Dousse, a força do Brasil não se resume ao talento de Neymar, fora do jogo. “Nós sabemos que o Brasil é muito forte tecnicamente, tem muito apoio de sua torcida. Eles serão os favoritos, mas podemos surpreender”, alertou.

Fabrice Coffrini/AFP



Torcedores do europeu se animaram bastante com a vitória da estreia

Giro na Copa

Odd Andersen/AFP



Polônia

Lewandowski se emocionou, ontem, ao marcar um dos gols da vitória da Polônia sobre a Arábia Saudita, por 2 x 0. O tento foi o primeiro dele em Copas.

Chandan Khanna/AFP



Austrália

A vitória da Austrália sobre a Tunísia, ontem, não apenas deu sobrevida ao país. O triunfo quebrou uma série de 12 anos sem bons resultados em Copas.

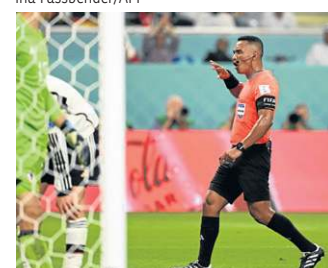
Kirill Kudryavtsev/AFP



Senegal

O zagueiro senegalês Kalidou Koulibaly admitiu baque com a perda do astro Mané dias antes da Copa do Mundo. “Nós jogamos para ele”, disse.

Ina Fassbender/AFP



FIFA Arbitragem

A Fifa definiu, ontem, a arbitragem do jogo entre Brasil e Suíça. Ivan Barton, de El Salvador, será responsável por conduzir a partida.

Andrej Isakovic/AFP



Sérvia

A Fifa abriu um expediente disciplinar a Sérvia devido a uma bandeira com Kosovo como pertencente ao país, exibida no vestiário na estreia.

Coluna do Mauro Beting



Deu Branco no tetra

O brasileiro não gosta de vencedores. Gosta de vitória. Em outros esportes, “torce” até torcer e retorcer tudo que der caneco até o último ponto e pingo. Depois, larga o bagaço e vai em busca de outra bagaça pra gritar “chupa” para o derrotado. Seja o vizinho ou o argentino. Esteja valendo o mundo ou ele esteja do outro lado do planeta onde Messi ainda vive. E revive.

O brasileiro médio e abaixo da mídia ama odiar Neymar.

Tanto que celebra a dor dele. A ausência de quem não pode faltar em nenhuma seleção do mundo. Pode discutir se ele simula falta. Pode debater se o único craque mesmo do Brasil prende demais a bola. Se Neymar limita a velocidade do time como tacógrafo. Mas é muito tacanho celebrar a sua ausência. Ainda mais se por motivos extracampo. Por ele apertar na urna um outro candidato. Por estar à parte às causas e coisas como Richarlison.

Neymar pode e deve ser cobrado. Por todo o combo. Mas não pode virar liquidação fake de Black Friday. Não pode o mercado descontar só nele a frustração de todas as dores do mundo que não é nosso desde o penta. O produto fora da validade. A mercadoria que veio com defeito.

A promoção que desconta também no CPF mais vencedor da história mundial. Daniel Alves não joga desde 23 de setembro. Só atuou 12 vezes pelos Pumas. Estava treinando

no Barcelona B. Sem ritmo de jogo. Mas não está lesionado. Tem físico privilegiado. Exemplar para os mais jovens. Querido e respeitado nos ambientes de seleção. Numa função carente no Brasil e no mundo, convocação justificável. Para a reserva. Não para entrar agora no time. Não era o plano. Mas terá que ser.

Ele pode ser o lateral que constrói por dentro como nenhum outro que não foi lembrado. Pode dar conta da lateral contra o suíço Vargas se Raphinha se multiplicar e fechar numa linha de cinco - como fez em alguns momentos contra o ala sérvio Mladenovic.

Mal comparando, pode rolar com Dani o que aconteceu com Branco, no tetra. Leonardo e Roberto Carlos tinham mais bola e físico para serem chamados em 1994. Parreira optou pela experiência em Copas do lateral-esquerdo que vinha de lesão nas costas e sem ritmo de jogo. Tanto que, no calor de Stanford, nas oitavas, quando o titular Leo foi expulso contra os EUA, Parreira optou pela versatilidade de Cafu, improvisado na esquerda. Branco seguiu esquentando o banco infernal.

Mas, para enfrentar o melhor ponta-direita daquela Copa, o holandês Overmars, Parreira

apostou em Branco. Uma temeridade antes de a bola rolar em Dallas. Mas, blindado à frente por Zinho, ao lado por Mauro Silva, e atrás, por Márcio Santos, nós não apenas sofremos menos. Branco cavou a falta que ele mesmo cobrou e garantiu a vitória. E, dali até a final, ele segurou a bronca. E até pênalti converteu contra a Itália.

Branco estava pronto para não soçobrar numa colisão contra aquele iceberg derretendo na Califórnia contra os EUA? Claro que não. Daniel Alves está pronto para se superar e nos suportar mais uma vez?

Nem ele sabe. Nem Tite tem convicção.